



A NATUREZA DA PANDEMIA: UMA ANÁLISE ECOLINGUÍSTICA CRÍTICA DAS REPRESENTAÇÕES DO MEIO AMBIENTE EM TEXTOS SOBRE O CORONAVÍRUS

Lorena Araújo de Oliveira Borges (Universidade Federal de Alagoas)

Resumo: Fundamentado na abordagem teórico-metodológica proposta pela Ecolinguística Crítica (STIBBE, 2014; 2015), este estudo busca investigar como o meio ambiente vem sendo representado discursivamente em textos que abordam a questão da pandemia causada pelo coronavírus. Para tanto, analisa três textos produzidos pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) e publicados entre março e maio de 2020, focando na investigação da categoria *apagamento discursivo* (STIBBE, 2014; 2015). A análise discursiva dos textos produzidos pela agência da Organização das Nações Unidas (ONU), considerada uma autoridade global quando o assunto é meio ambiente, indica que a Natureza é frequentemente submetida a um apagamento de tipo *traço* (trace), figurando apenas como um reservatório natural que está a serviço da humanidade.

Palavras-chave: Meio ambiente; Coronavírus; Ecolinguística Crítica; Discurso; Apagamento discursivo.

Abstract: Based upon the theoretical-methodological approach proposed by Critical Ecolinguistics (STIBBE, 2014; 2015), this study seeks to investigate how the environment has been represented discursively in texts that address the issue of the corona virus pandemic. To this end, it analyzes three texts produced by the United Nations Environment Program (UNEP) and published between March and May 2020, focusing on the investigation of the category *discursive erasure* (STIBBE, 2014; 2015). The discursive analysis of the texts produced by the United Nations (UN) agency, considered a global authority when it comes do the environment, indicates that Nature is frequently subject to the trace type erasure, appearing only as a natural reservoir that is at the service of humanity.

Keywords: Environment; Coronavirus; Critical Ecolinguistics; Discourse; Discursive Erasure.

Introdução

O ano de 2020 trouxe uma catástrofe de proporções mundiais para a humanidade. A disseminação da Covid-19, doença causada por um novo tipo de coronavírus que surgiu na China, no final de 2019, colapsou o sistema de saúde de muitos países ao redor do mundo em questão de semanas e levou milhares de pessoas à morte. Entretanto, mais que uma questão de saúde, essa pandemia também tem sido considerada uma questão ecológica, que traz à tona toda uma discussão acerca da maneira como nós, seres humanos, estamos nos relacionando com as diferentes espécies de animais e com a Natureza. Isso porque tanto essa quanto várias outras doenças endêmicas têm surgido devido ao desmatamento de diferentes ecossistemas e à constante interação entre humanos e animais, sejam estes domesticados, criados em larga escala para a alimentação humana – porcos, cavalos, aves, camelos, etc. –, ou silvestres, consumidos ou comercializados legalmente ou ilegalmente em diversos países.

Atento a essa perspectiva, o presente trabalho busca investigar como a Natureza está sendo representada discursivamente em textos que abordam questões relacionadas ao coronavírus. Para tanto, analisaremos três textos publicados pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA). A investigação proposta aqui se fundamenta no arcabouço teórico-metodológico desenvolvido pela Ecolinguística Crítica (STIBBE, 2015), vertente da Ecolinguística que busca analisar criticamente diferentes discursos – ambientalistas, científicos, econômicos, etc. – de modo a elucidar se os sentidos que eles produzem contribuem ou não para a destruição do meio ambiente, e foca na análise da categoria *apagamento discursivo* (STIBBE, 2014).

Este artigo encontra-se dividido em quatro seções. Na primeira, apresentarei os fundamentos teóricos da Ecolinguística Crítica e como essa disciplina se enquadra nos Estudos Críticos do Discurso. A segunda seção discutirá a questão do apagamento discursivo e as diferentes maneiras como ele pode ocorrer nos textos. A terceira seção focará na análise da categoria *apagamento discursivo*, mostrando como o meio ambiente está sendo representado em textos que abordam a pandemia causada pelo novo coronavírus. Por fim, apresentarei como as representações veiculadas pelos discursos analisados se encaixam na ecosofia que fundamenta esta investigação.

1 Ecolinguística Crítica

A Ecolinguística é um ramo da Ecologia que se propõe a estudar os ecossistemas linguísticos (COUTO, 2007). Para tanto, essa abordagem teórica assume a língua como um feixe de interações estabelecidas com o mundo e entre os membros de uma comunidade. Língua, aqui, não deve ser encarada como uma “coisa”, reificada, um meio utilizado para alcançar um fim específico. A língua é interação por excelência, é a comunicação verbal que se estabelece entre os indivíduos (COUTO, 2013). Trata-se de uma realidade biopsicossocial, uma vez que envolve aspectos mentais, sociais e naturais. Essa percepção, caudatária de uma virada ecológica que acometeu as ciências sociais na segunda metade do século XX (PENA-VEGA, 2005), deu origem a diferentes subáreas de estudo, como a Ecologia das Línguas, a Etnoecologia Linguística, a Linguística Ecológica, entre outras.

Uma das vertentes tem se destacado nesse campo de estudos é a Ecolinguística Crítica, doravante EC, que busca analisar criticamente diferentes discursos – ambientalistas, científicos, econômicos, etc. – de modo a elucidar se os sentidos que eles produzem contribuem ou não para a destruição do meio ambiente. O foco da EC não está necessariamente em discursos que abordam o meio ambiente diretamente, mas sobre “[...] o *impacto* que os discursos têm sobre os sistemas que suportam a vida” (STIBBE, 2014, p. 585, tradução nossa), de modo que, a princípio, qualquer discurso poderia ser analisado. Vinculada também aos Estudos Críticos do Discurso, a EC reconhece que a língua está atrelada a uma sociedade, mas entende que a linguística dominante falhou em reconhecer a inscrição dos seres humanos em sistemas naturais mais amplos que sustentam a vida, isto é, “as complexas interações entre humanos, plantas, animais e o meio ambiente natural” (STIBBE, 2014, p. 594, tradução nossa).

No seio da EC, o discurso deve ser entendido como “maneiras padronizadas pelas quais grupos específicos da sociedade usam a língua, as imagens e outras formas de representação” (STIBBE, 2015, p. 22, tradução nossa). Esse uso implica a seleção de vocabulário, escolhas gramaticais e todos os outros aspectos linguísticos e semióticos que são mobilizados para se contar uma história particular sobre o mundo. Essas histórias não devem ser entendidas como meras descrições transparentes da realidade, mas são moldadas por diferentes percepções acerca da realidade, o que significa que diferentes grupos de indivíduos constroem diferentes versões da realidade. Ainda que ampla, essa noção de discurso dialoga com outras concepções desenvolvidas

ECO-REBEL

no seio dos Estudos Críticos do Discurso (FAIRCLOUGH, 2003; LOCKE, 2004; VAN DIJK, 2011; KRESS, 2010; cf. STIBBE, 2015).

Ao analisar os discursos, a EC busca elucidar quais são as histórias que fundamentam o nosso viver, questionando e desafiando o que está dado como certo, de modo a compreender se “essas histórias estão funcionando nas condições atuais do mundo ou precisamos procurar novas histórias?” (STIBBE, 2015, p. 10, tradução nossa). Essas histórias que subjazem os discursos são chamadas pela EC de *ideologias*, “sistemas de crenças sobre como o mundo foi, é, será ou deveria ser que são compartilhados por membros de grupos específicos da sociedade” (STIBBE, 2015, p. 23, tradução nossa). As ideologias não necessariamente ficam restritas aos grupos que as criaram; elas podem se espalhar entre os indivíduos de uma sociedade e configurar a maneira como eles pensam sobre um aspecto específico da vida.

Para desvelar as ideologias que escamoteiam relações problemáticas entre os seres humanos e o meio ambiente, Stibbe (2015) aponta que é necessário, primeiramente, estabelecer uma ética particular a partir da qual a análise será realizada, uma *ecosofia*. Cada pesquisador deve delimitar a sua ecosofia de acordo com seus valores e prioridades, entretanto, no seio da EC, todas as ecosofias propostas devem considerar as inter-relações que os humanos estabelecem com outros organismos e com o meio ambiente natural. Outra característica fundamental de uma ecosofia é que ela deve ser parcial e incompleta, sempre aberta às alterações que se mostrarem necessárias. “Embora as ecosofias sejam fundamentalmente uma declaração de valores e pressupostos, elas também precisam ser baseadas em evidências e adaptadas à medida que novas evidências surgem” (STIBBE, 2015, p. 15, tradução nossa).

Nesse sentido, a presente investigação se fundamenta na *ecosofia* proposta por Stibbe (2015), que pode ser resumida pela seguinte expressão: *Viva!* O ponto de exclamação é proposital e indica que a vida deve ser valorizada, comemorada, respeitada e afirmada. Este anúncio de valor baseia-se na percepção de que os seres valorizam suas vidas e fazem o que podem para continuar vivendo. É importante destacar que *Viva!* não é o mesmo que ‘estar vivo’, pois existem diversas condições que reduzem a possibilidade de se valorizar a vida, como a exploração extrema, algo frequente na produção de animais para consumo, por exemplo. Assim, essa ecosofia não se fundamenta no viver apenas no sentido da sobrevivência – estar vivo –, mas no sentido de viver bem.

ECO-REBEL

Apesar de assumir o respeito pela vida de todas as espécies como sua idéia central, essa proposta também entende que a vida implica a morte. Esta deve ser tratada com empatia, arrependimento e gratidão e não com construtos morais que consideram aqueles que foram prejudicados pela ação humana como inferiores, inúteis ou recursos infindáveis. Como Naess e Sessions (1984) deixam explícito em sua ecosofia – a Ecologia Profunda –, a vida não humana tem valor em si mesma e esse valor é independente da utilidade que ela possua para os propósitos humanos.

O escopo temporal desse *Viva!* não deve se limitar apenas ao presente, mas incluir a capacidade de se viver bem também no futuro, garantindo o mesmo às próximas gerações. Nesse sentido, torna-se imprescindível diminuirmos o consumo humano, pois se este exceder a capacidade dos recursos naturais, os sistemas ecológicos que sustentam a vida e o viver dificilmente serão capazes de fazê-lo no futuro. Essa diminuição no consumo deve ser acompanhada por uma distribuição mais justa dos recursos naturais, de modo a garantir a vida e o bem estar de todos. A concentração dos recursos à disposição nas mãos de poucos indivíduos apenas perpetuará a lógica atual, na qual a maior parte das pessoas ao redor do mundo não tem o mínimo necessário para sobreviver.

Para finalizar, Stibbe (2015) aponta que a destruição ecológica significativa já está em curso há bastante tempo, de modo que a humanidade já sente os efeitos da mesma e deverá se adaptar às mudanças ambientais mais bruscas que estão por vir, atuando com resiliência e encontrando novas formas de sociedade à medida que as formas atuais ainda se desenrolam. Como é possível perceber, este último ponto da ecosofia proposta por Stibbe (2015) dialoga sobremaneira com o contexto atual que estamos vivendo, quando a pandemia causada pelo novo coronavírus começa a demandar novos formatos de atuação política e social.

Elucidadas as escolhas éticas que fundamentam a presente investigação, nosso esforço agora se volta para tecer uma crítica sobre os modos como a linguagem está sendo usada para a criação e a manutenção de *histórias* que escamoteiam relações predatórias entre humanos e meio ambiente. Nossa análise não busca verificar se um discurso é verdadeiro ou não, mas se ele encoraja as pessoas a cuidarem ou a destruírem os ecossistemas que suportam a vida, ou seja, verificar se ela é compatível com a ecosofia apresentada anteriormente ou se trabalha contra ela. Diante dessa perspectiva, Stibbe (2015) aponta que um discurso pode ser categorizado de três maneiras distintas: destrutivo, ambivalente e benéfico.

ECO-REBEL

Os discursos destrutivos são aqueles que coadunam com ideologias que atuam em prol da destruição ecológica, caso do discurso do agronegócio ou do discurso político sobre meio ambiente em diversos países. Os discursos ambivalentes são aqueles que até têm o objetivo de elucidar problemas ecológicos, mas acabam sendo influenciados por interesses políticos ou comerciais que atuam no sentido contrário. Esse é o caso dos discursos *ecologicamente corretos* de muitas empresas, quando estas afirmam ter ações sustentáveis, mas degradam o meio ambiente com seus processos de produção. Por fim, temos os discursos benéficos, aqueles que transmitem ideologias que incentivam ativamente as pessoas a protegerem os sistemas que sustentam a vida.

É importante destacar que todos esses discursos possuem um papel relevante nos embates (contra-)hegemônicos que buscam determinar o que deve ser valorizado ou não em nossa sociedade. Isso ocorre porque,

[q]uando discursos diferentes entram em conflito e discursos particulares são contestados, o que é centralmente contestado é o poder desses sistemas semânticos pré-construídos de gerar visões particulares de mundo que podem ter poder performativo para sustentar ou refazer o mundo à sua imagem, por assim dizer (FAIRCLOUGH, 2003, 130, tradução nossa).

Exatamente por isso os Estudos Críticos do Discurso buscam compreender como os sentidos são produzidos nas relações sociais, como eles se manifestam linguisticamente e que relações de poder eles (des)legitimam. Para tanto, torna-se necessário considerar não apenas o que está aparente no texto, mas também os elementos que são apagados, uma vez que eles exercem um papel relevante na construção das visões de mundo que são validadas (ou não) por meio dos discursos, conforme veremos na próxima seção.

2 O apagamento discursivo

Conforme apontado anteriormente, os discursos, para a EC, são entendidos como maneiras padronizadas de usar diferentes formas de representação. Nesse sentido, eles são sempre parciais, pois ressaltam aspectos do mundo que são de interesse dos grupos que os produzem e deixam de fora uma série de outras representações com as quais esses grupos não coadunam. Esse apagamento é parte constitutiva dos discursos e, segundo Stibbe (2014), indica a falta de algo importante, algo que está presente na realidade, mas que é deliberadamente negligenciado ou ignorado em um discurso particular, sendo, assim, apagado da nossa consciência. Um bom

ECO-REBEL

exemplo desse processo é a constante invisibilização da Natureza nos discursos que estruturam as sociedades industriais contemporâneas.

Para ser reconhecido enquanto tal, o apagamento discursivo precisa articular quatro elementos relevantes (STIBBE, 2014, p. 588): i) uma área da vida social, como a economia; ii) um discurso, ou seja, uma maneira particular de falar sobre o mundo dentro dessa área social; iii) algo importante que esteja completamente ausente da visão de mundo apresentada ou que esteja presente, mas apenas como um traço fraco ou de forma distorcida; iv) um ator social que declara que *algo importante* foi apagado. O apagamento, assim, só ganha importância no discurso quando ele é elucidado por meio de sua contraparte, a *rememoração*.

A rememoração é um ato linguístico em que um ator examina o universo de elementos que foram excluídos de um discurso particular, declara que um desses elementos é importante, que os discursos o estão ‘apagando’ da consciência e exige que o discurso o traga de volta à mente (STIBBE, 2014, p. 586, tradução nossa).

É importante destacar também que o apagamento não se fundamenta apenas no binômio *ou aparece ou não aparece*, mas pode ocorrer em um espectro que vai desde a ausência completa de um elemento até construções discursivas que apresentam apenas traços abstratos dele (STIBBE, 2014). Diante dessa percepção, Stibbe (2014) propõe um modelo de análise do apagamento discursivo composto por três categorias: *o vazio (the void)*, *a máscara (the mask)* e *o traço (the trace)*.

No primeiro apagamento, *o vazio*, o mundo natural é completamente omitido do discurso e nenhum traço dele pode ser recobrado pelo leitor/ouvinte. Esse tipo de apagamento é muito frequente em discursos econômicos que fomentam a questão da máxima produtividade, mas desconsideram completamente o fato de que os recursos naturais à nossa disposição são finitos. Conforme Stibbe (2014, p. 589, tradução nossa) aponta, isso pode ter efeitos catastróficos para a Natureza, pois “[s]e os sistemas ecológicos que sustentam a vida são apagados do discurso econômico, eles não podem ser levados em consideração nas decisões econômicas”. Um recurso léxico-gramatical bastante utilizado nesse tipo de apagamento é a nominalização, que escamoteia os participantes de um determinado processo.

O segundo tipo de apagamento, chamado de *a máscara*, ocorre quando o mundo natural é tratado discursivamente de forma distorcida, como um conjunto de objetos, sendo privado da vida e da capacidade de interação que lhe é intrínseca. Trata-se, portanto, de uma representação

distorcida dos animais e da natureza. Esse tipo de apagamento pode ser mapeado, por exemplo, nos discursos relativos à produção intensiva de animais para o abate, que tratam esses seres como se eles não sentissem dor ou medo, como se fossem meramente um produto a ser consumido. “De modo geral, a criação de máscaras ajuda aqueles envolvidos na destruição a se distanciarem dos impactos causados por eles no bem estar de animais e do meio ambiente, focando apenas em aspectos econômicos” (STIBBE, 2014, p. 592, tradução nossa). Dentre os recursos léxico-gramaticais utilizados para construir *máscaras* discursivas estão as metáforas e a seleção lexical. Neste último caso, o falante/escritor se refere a seres vivos mobilizando um vocabulário que seria tipicamente utilizado para se falar de objetos.

Por fim, o terceiro tipo de apagamento apontado por Stibbe (2014) é o *traço*, que ocorre quando o discurso, ao representar o mundo natural, o faz de maneira obscura, revelando apenas um traço fraco do mesmo. O mundo natural ainda está presente, mas aparece em termos abstratos, como *fauna* ou *flora*, *biodiversidade* ou *organismos vivos*.

A questão é se o discurso representa uma imagem dos seres humanos como parte de um mundo vivo repleto de diversidade de animais e plantas, ou um mundo solitário, onde os seres humanos são cercados apenas por *capital natural*, *estoque biológico* e *biomassa*; por árvores ou *metros cúbicos de madeiras* (STIBBE, 2008, p. 594, tradução nossa).

Um recurso léxico-gramatical bastante frequente nesse tipo de apagamento é a relação hiponímia/hiperonímia, por meio da qual o falante/escritor estabelece uma relação entre palavras de sentido mais específico e palavras de sentido mais genérico que possuem traços semânticos em comum com aquelas.

3 A Natureza apagada

A matriz discursiva analisada no presente artigo é composta por três reportagens publicadas pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) entre os meses de março e maio de 2020 (cf. Anexo). Os textos em questão foram retirados de um *corpus* mais amplo, composto por todos os textos produzidos pelo PNUMA sobre o coronavírus, dentre reportagens, entrevistas e relatórios. O interesse da presente investigação nessa agência do sistema das Nações Unidas (ONU) se justifica pelo fato de ela ser considerada uma autoridade global quando se trata do meio ambiente, possuindo a responsabilidade de promover e conservar o meio ambiente (ONU, 2020). Desse modo, é possível assumir que os textos produzidos por ela veiculam um discurso hegemônico sobre a Natureza

ECO-REBEL

que potencialmente molda como cientistas, formuladores de políticas e governos entendem e respondem às questões ambientais no contexto atual.

Os textos analisados possuem os seguintes títulos e datas de publicação: (T1) *Surto de coronavírus é reflexo da degradação ambiental, afirma PNUMA*, publicado em 03 de março de 2020¹; (T2) *6 fatos sobre coronavírus e meio ambiente*, publicado em 08 de abril de 2020²; e (T3) *Causas do COVID-19 incluem ações humanas e degradação ambiental, apontam estudos*, publicado em 22 de maio de 2020³. Neles, é possível encontrar uma gama de termos mobilizados para se referir tanto aos animais quanto à Natureza, conforme é possível observar no Quadro 1.

Quadro 1. Termos que se referem aos animais e ao meio ambiente

animais	animais, rebanhos, morcegos, animal doméstico, gatos domésticos, dromedários, animais silvestres, vida selvagem, espécies invasoras, aves, suinocultura ⁴ , animais selvagens, mamíferos, bichos, espécies, aves aquáticas, pecuária intensiva, produtos de origem animal
Natureza	natureza, habitats selvagens, habitats degradados, ecossistema, habitats, meio ambiente, florestas, biodiversidade, diversidade biológica, espaços naturais, plantas, terra, ‘terras agrícolas’, planeta

No caso dos animais, são mobilizados termos genéricos que, apesar de estabelecerem relações semânticas que deixam explícitas a dinamicidade e vivacidade desses seres vivos, quando colocados em relação com termos que os representam como um produto – *suinocultura, rebanho, pecuária intensiva* – constroem uma relação de hiperonímia que representa esses seres como *objetos de consumo*. Quanto aos termos selecionados para se referir à Natureza, Stibbe (2015) esclarece que palavras como *ecossistema, habitats, biodiversidade*, apesar de estabelecerem relações semânticas que explicitam a vivacidade dessas entidades, são altamente abstratas. Desse modo, elas invisibilizam toda a profusão de seres que fazem parte da natureza e impedem os interlocutores do texto de referenciar o que seria de fato esse *meio ambiente*.

¹ Disponível em: <<https://bityli.com/t2Rhj>>. Último acesso: 12 jul. 2020.

² Disponível em: <<https://bityli.com/3xd59>>. Último acesso: 12 jul. 2020.

³ Disponível em: <<https://bityli.com/BeUiM>>. Último acesso: 12 jul. 2020.

⁴ O termo *suinocultura* aparece no período “o *Vírus Nipah* surgiu devido à *intensificação da suinocultura*” (T2). Uma vez que a oração utiliza a nominalização *intensificação*, que apaga o autor do processo *intensificar*, os sentidos construídos remetem para a culpabilização dos porcos como agentes transmissores de um vírus para os seres humanos. Nesse sentido, o termo foi classificado como uma das maneiras utilizadas para se referir aos animais.

ECO-REBEL

A Natureza, nos textos analisados, é apresentada ao nosso conhecimento apenas como uma massa amorfa que não possui integração com a humanidade. Isso fica ainda mais claro quando ela é colocada em uma relação de oposição com as *terras agrícolas* no excerto [1].

[1] Nós destruímos florestas e outros ecossistemas naturais para criar espaços para áreas urbanas, assentamentos, *terras agrícolas* e indústrias (T3).

Estabelece-se, assim, uma oposição entre *terras produtivas* e *terras preserváveis*, como se aquelas não integrassem a Natureza e estivessem apenas à serviço da humanidade e estas precisassem ser preservadas, mesmo sem possuírem um valor econômico agregado a elas.

Conforme apontado anteriormente, o uso de hiperônimos nos remete para um apagamento do tipo *traço*, em que o referente está presente no texto, mas apenas como um traço fraco de si mesmo, sendo representado por meio de termos abstratos ou genéricos. Esse processo acaba por representar a diversidade dos seres vivos como um *capital natural* valorado a partir da relação que ele estabelece com a humanidade, ou seja, pela utilização que esta pode fazer dele. Além do uso frequente de hiperônimos para se referir ao meio ambiente e aos animais, o apagamento de tipo traço também pode ser corroborado pelo uso de outros recursos semióticos, conforme veremos a seguir.

a) antítese homem vs. natureza

Outro traço linguístico mobilizado pelos textos produzidos pela agência internacional da ONU que contribui para o apagamento de tipo traço é a antítese entre o homem e a natureza, como se eles integrassem sistemas distintos. Esse recurso léxico-gramatical pode ser observado em orações como:

[2] A perda contínua dos espaços naturais nos aproximou demasiadamente de animais e plantas que abrigam doenças que podem ser transmitidas para os seres humanos (T2).

[3] Causas do COVID-19 incluem ações humanas e degradação ambiental, apontam estudos (T3).

Percebam como, nos textos analisados, humanidade e natureza se interconectam, mas não se misturam. O apagamento de tipo traço, aqui, ocorre por meio da distinção *nós* e *eles*, em que a natureza é tratada como o *nosso* outro, isto é, aquilo que não somos. Desse modo, induzimos mudanças no meio ambiente, alteramos ecossistemas, degradamos barreiras de proteção natural

ECO-REBEL

como se estivéssemos à parte desse sistema ecológico, apenas nos utilizando dele. Essa distinção humano/natureza fica ainda mais explícita pelo uso da palavra *zoonose*:

- [4] Os coronavírus são zoonóticos, o que significa que são transmitidos de animais para pessoas (T1).
- [5] Você sabia que cerca de 60% das doenças infecciosas humanas e 75% das doenças infecciosas *emergentes* são zoonóticas, ou seja, transmitidas através de animais? (T2)
- [6] O coronavírus (COVID-19) é uma doença zoonótica transmitida entre animais e seres humanos (T3).

De acordo com os significados apresentados nas orações [4], [5] e [6], a palavra *zoonose* indica uma doença transmitida de animais para humanos. Por si só, esse termo escamoteia o fato de que os humanos são, eles mesmos, animais. Enquanto patógenos que surgem aleatoriamente na Natureza, os vírus são transmitidos entre diferentes espécies, de modo que podem migrar de plantas para animais e destes entre si – humanos inclusos. Ao longo das últimas décadas, os humanos têm estado cada vez mais suscetíveis ao contágio por diferentes vírus devido à constante interação que eles estabelecem com diferentes espécies de animais e plantas, seja para escravizá-las, seja para consumi-las.

b) a descaracterização da Natureza

Outra maneira como o apagamento de tipo traço se dá nos textos analisados é por meio da descaracterização da Natureza, representada não como uma entidade que possui valor em si mesma, mas como uma entidade que está a serviço da humanidade, como indicam os excertos [7], [8] e [9]:

- [7] A natureza fornece comida, remédios, água, ar e muitos outros benefícios que permitem às pessoas prosperarem (T1).
- [8] A integridade do ecossistema também ajuda a controlar as doenças, apoiando a diversidade biológica e dificultando a disseminação, a ampliação e a dominação dos patógenos (T2).
- [9] Enfrentar a nova pandemia de coronavírus (COVID-19) e nos proteger das futuras ameaças globais requer o gerenciamento correto de resíduos médicos e químicos perigosos, a administração consistente e global da natureza e da biodiversidade e o comprometimento com a reconstrução da sociedade, criando empregos verdes e facilitando a transição para uma economia neutra em carbono (T2).

Apartado da Natureza, o ser humano busca nela benefícios que o permitam prosperar. Para tanto, ele precisa *administrar* tanto a natureza quanto a biodiversidade que a constitui. Administrar

ECO-REBEL

a Natureza de forma consistente implica destruir determinadas áreas para o plantio e a construção de áreas urbanas e preservar outras áreas para que a *proteção* que ela nos garante seja mantida.

Enquanto a Natureza é representada como uma protetora da humanidade, os animais são nossos algozes, os disseminadores das pandemias que matam milhares de pessoas. Assim, os animais que são especificados nos textos analisados – *morcegos*, *dromedários*, *gatos domésticos* – aparecem apenas para serem apontados como os culpados pelo contágio dos seres humanos pelo coronavírus, como pode ser verificado nos excertos a seguir:

- [9] Segundo a OMS, os *morcegos* são os mais prováveis transmissores do COVID-19 (T1).
[10] Estudos anteriores constataram que a Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS, em inglês) foi transmitida de *gatos domésticos* para seres humanos, enquanto a Síndrome Respiratória do Oriente Médio passou de *dromedários* para humanos (T1).

A representação mais vívida desses animais como os responsáveis pela disseminação do coronavírus entre humanos tem sido reiterada por manchetes jornalísticas em diversos países ao redor do mundo, trazendo consequências devastadoras para esses seres, como é possível verificar pelos títulos das seguintes reportagens: *A face mais cruel do coronavírus é abandonar, sem nenhuma razão científica, os animais de estimação*, publicado no El País em 17 de março de 2020⁵, e *Morcegos estão sendo mortos no Peru por medo do novo coronavírus*, publicado na Revista Galileu em 26 de março de 2020⁶. Assim, os textos analisados, ao mesmo tempo em que conclamam a humanidade e as autoridades de diferentes países a protegerem a Natureza, apresentam os seres que constituem a mesma como um dos responsáveis pela maior parte das doenças que infectam humanos, contribuindo para a devastação e extermínio deles.

c) imagens genéricas

Por fim, nos textos analisados, o apagamento de tipo traço também se dá por meio das imagens que aparecem nas reportagens. De acordo com Kress e van Leeuwen (2006), os textos visuais, assim como os linguísticos, constroem sentidos a partir de um conjunto de regras próprias de funcionamento. Para estudá-las, esses autores propõem a Gramática Visual (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006), uma ferramenta de análise de imagens que se fundamenta na investigação de três funções: (i) *função interativa*, que aborda a relação que se estabelece entre o produtor e o

⁵ Disponível em: <<https://bitly.com/FNwK3>>. Último acesso: 12 jul. 2020.

⁶ Disponível em: <<https://bitly.com/jzy3>>. Último acesso: 12 jul. 2020.

ECO-REBEL

receptor de um signo; (ii) *função representacional*, que se refere aos modos como o sistema semiótico representa aspectos do mundo e das experiências humanas; e (iii) *função composicional*, que remete à estrutura e ao formato dos textos visuais.

Na matriz discursiva analisada aqui, um elemento importante para o processo de construção de sentidos é a *modalidade*, aspecto vinculado à função interacional. De acordo com Kress e van Leeuwen (2006), algumas imagens tendem a ser mais verdadeiras que outras, isto é, representam o mundo de forma mais fidedigna. A Gramática Visual chama isso de *modalidade*, um termo que veio da linguística e “refere-se ao valor de verdade ou à credibilidade das declarações (linguisticamente realizadas) sobre o mundo” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 155, tradução nossa). Na comunicação visual, a modalidade pode ser de quatro tipos: i) naturalística: quando a representação é próxima ao real; ii) abstrata: quando a representação mostra apenas a essência do que retrata, sem muitos detalhes; iii) tecnológica: quando a representação é prática, como a planta baixa de uma casa ou equipamento; iv) sensorial: quando a representação procura causar prazer ou desprazer visual.

As imagens que aparecem na abertura dos textos analisados são todas de fotografias (Figura 1, Figura 2 e Figura 3) e possuem modalidade naturalística. Conforme Stibbe (2015) explica, as fotografias, apesar de serem bidimensionais e estáticas, são as representações mais vívidas que podem ser feitas da natureza, uma vez que são capazes de apresentar detalhes de animais e de aspectos da Natureza de forma realista, posicionando esses referentes nas mentes dos interlocutores. Entretanto, a modalidade naturalística das fotografias nem sempre garante esse resultado, uma vez que, assim como os recursos léxico-gramaticais, os recursos visuais também podem ser mobilizados de modo a contribuir com o apagamento da Natureza. Isso ocorre devido a aspectos vinculados à função representacional das imagens.

ECO-REBEL



Figura 1. Imagem de abertura do Texto 1



Figura 2. Imagem de abertura do Texto 2



Figura 3. Imagem de abertura do Texto 3

No âmbito da função representacional, encontramos as estruturas que constroem visualmente as relações entre os participantes representados nas imagens, sendo que estes podem ser pessoas, objetos ou lugares. Essa função enfatiza a *sintaxe* da imagem como uma fonte de

ECO-REBEL

sentido representacional e pode ser dividida em dois processos: (i) estruturas narrativas: relaciona os participantes em termos de *fazer* ou *acontecer*, com foco nas ações, eventos ou processos de mudança; (ii) estruturas conceituais: foca na essência dos participantes, representando-os como sendo alguma coisa ou pertencente a uma categoria.

As imagens de abertura (Figura 1, Figura 2 e Figura 3) se configuram como *estruturas conceituais analíticas*, que buscam relacionar os participantes representados em termos de uma estrutura parte-todo. Como o portador (todo) está ausente das imagens, elas são classificadas como *não estruturadas*, focando nossa atenção apenas nos atributos (partes) do(s) participante(s) representado(s). Se por um lado esse tipo de imagem permite uma interação entre o interlocutor e o participante representado, pois permite que os atributos possuídos pelo portador sejam observados minuciosamente, por outro, ele pode levar a um apagamento, mostrando atributos tão genéricos que não permitem o reconhecimento do portador dos mesmos, exatamente o que ocorre nas imagens analisadas.

Na Figura 1, há a representação de uma *lâmina histológica* que não nos permite obter muitas informações sobre o portador do(s) atributo(s) representado(s). Seria uma representação do coronavírus visto através do microscópio? De células do corpo humano contaminadas? Olhos mais letrados em conteúdos de histologia talvez fossem capazes de compreender o que está sendo representado nesta imagem, mas esse não é o caso da maior parte dos leitores, de modo que é impossível para estes vincular os atributos representados às entidades referenciadas no texto verbal – *coronavírus, degradação ambiental ou PNUMA*.

Na Figura 2, temos as partes de um portador que é facilmente reconhecível. Trata-se de troncos de árvores, com a representação de algumas copas ao fundo. Ainda que um interlocutor ou outro seja capaz de apontar a espécie de árvore retratada, olhos mais leigos veem apenas troncos de árvores, sem conseguir especificá-los. Além disso, a imagem não traz nenhuma informação que nos permita situar esse conjunto de árvores em um local específico, de modo que, ainda que represente um portador cognoscível (árvore), o faz de forma abstrata.

Por fim, a Figura 3 representa as partes de um microscópio. Apesar de o portador das partes representadas ser cognoscível e poder ser retomado pelos interlocutores, ele não representa nenhuma das entidades físicas referenciadas no texto – *COVID-19, humanos, degradação ambiental*. Entretanto, é possível vincular este portador aos *estudos* realizados, o que garante mais destaque a estes que às relações entre coronavírus e meio ambiente.

ECO-REBEL

Como é possível perceber, ainda que sejam fotografias e apresentem modalidade naturalística, essas imagens acabam contribuindo mais para o apagamento do meio ambiente do que para a sua representação, de modo que, ainda que este esteja presente, aparece apenas como um traço fraco de si mesmo. Essa percepção se estende para as outras imagens que figuram nos textos analisados.

No Texto 2, por exemplo, além da imagem de abertura, temos a presença de outras duas imagens (Figura 4 e Figura 5). Ao contrário das fotografias, que possuem modalidade naturalística, as imagens em questão retratam os participantes por meio de desenhos com poucos detalhes, possuindo modalidade abstrata. Esta procura reduzir os detalhes que criam as diferenças individuais, representando apenas as qualidades essenciais dos participantes, associando os valores de verdade à essência mais profunda do que é representado (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006). Nessa lógica, os textos analisados representam o humano com a silhueta de um homem, a natureza com a silhueta de plantas disformes e os animais com a silhueta de diferentes espécies que são cognoscíveis em nosso contexto de cultura – ave, vaca, rato, macaco, etc. A modalidade abstrata contribui para o apagamento do tipo traço na medida em que não permite que os interlocutores referenciem essas entidades, situando-as no mundo real. Apresentadas de forma genérica, elas não impregnam a consciência do interlocutor e não demandam qualquer tipo de responsabilidade dele.



Figura 4. Imagem 1 | Texto 2



Figura 5. Imagem 2 | Texto 2

ECO-REBEL

Por fim, no Texto 3, temos a presença de outras duas imagens, ambas fotografias (Figura 6 e Figura 7). Conforme vimos anteriormente, esse tipo de imagem apresenta modalidade naturalística. Na Figura 6, temos uma *estrutura narrativa reativa*, em que o olhar dos participantes representados desenha vetores que saem da imagem. Como o olhar dos patos representados não encara o interlocutor, temos o que Kress e van Leeuwen (2006) chamam de imagem de oferta. Nesse tipo de imagem os participantes (patos) se tornam objeto de contemplação por parte do interlocutor, oferecendo elementos de informação como se estivessem dispostos em uma vitrine ou prateleira, sem exigir qualquer tipo de reação por parte do observador. Essa imagem aparece vinculada ao texto de abertura da reportagem, que aponta que as doenças zoonóticas, dentre elas o coronavírus, são transmitidas de animais para seres humanos, o que nos permite concluir que os patos representados servem apenas para ilustrar uma das espécies de animais responsável por esse contágio.



Photo by Unsplash/ Cole Keister

Figura 6. Imagem 1 | Texto 3



Photo by Unsplash/ Ales Krivec

Figura 7. Imagem 2 | Texto 3

A Figura 7, por sua vez, representa troncos de árvores que foram cortadas. Assim como as imagens de abertura, essa fotografia se caracteriza por uma *estrutura conceitual analítica*. Entretanto, aqui, parte (troncos) e todo (árvores) aparecem na representação. Assim, os atributos – troncos jogados ao chão – remetem aos pinheiros que se encontram no segundo plano da imagem, os portadores desses atributos. Essa fotografia aparece vinculada ao intertítulo *mudanças ambientais*, que aponta que os humanos destroem florestas e outros espaços naturais para criar áreas urbanas, assentamentos, terras agrícolas e indústrias. Entretanto, ao retratar o desmatamento a partir de uma estrutura conceitual, ela apaga o agente causador dessa destruição, o ser humano.

4 Integrar para Viver!

A análise discursiva dos textos produzidos pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) indica a veiculação de discursos ambivalentes em relação à Natureza, ou seja, ainda que ela seja reconhecida, ora ela é representada como uma entidade que está a nosso serviço; ora ela é nossa algoz, origem da maior parte das doenças que dizima a humanidade. No primeiro caso, argumenta-se que a Natureza deve ser preservada como uma maneira de garantir a integridade e a sobrevivência da humanidade. No segundo caso, ainda que o ser humano seja apontado, em diversos momentos, como um dos culpados pela pandemia causada pelo coronavírus e por outras doenças de *origem zoonótica*, ele frequentemente divide essa culpa com diferentes espécies de animais.

Nessa construção ideológica, fica explícita a antítese entre a humanidade e a Natureza que, de acordo com Latour (2017), é estressada pela maioria das definições de ser humano. “[...] toda vez

ECO-REBEL

que se quer ‘aproximar os seres humanos da natureza’, somos impedidos de fazê-lo por meio da objeção de que o humano é, acima de tudo, ou que ele é também, um ser cultural que deve escapar ou, de qualquer modo, *se distinguir da natureza*” (LATOURE, 2020, p. 21-22). Entretanto, essa distinção é capciosa, uma vez que *natureza* e *cultura* são dois lados de uma mesma moeda, ou seja, ao esclarecer o que se entende por natureza, está-se, por conseguinte, definindo cultura e vice-versa.

Não tente definir apenas a natureza, porque você terá que definir também o termo “cultura” (o humano é o que escapa à natureza: um pouco, muito, apaixonadamente); não tente definir apenas “cultura”, porque de imediato terá que definir também “natureza” (o humano é o que não pode “escapar totalmente” das restrições da natureza). O que significa que não estamos lidando com *domínios*, mas com um e o mesmo *conceito* separado em duas partes que se encontram ligadas, por assim dizer, por um forte elástico (LATOURE, 2020, p. 22-23).

A construção imaginária *nós – ela*, que encontra respaldo em grande parte do fazer científico produzido pelo ocidente, desconsidera o fato de que o ser humano e todas as suas manifestações – até mesmo a cultura – são elementos do mundo natural do qual fazemos parte. Nesse sentido, não devemos falar em *preservar a Natureza*, como se esta estivesse à distância, sendo observada e cuidada (administrada) pela humanidade, mas integrar, urgentemente, a humanidade à Natureza e a Natureza aos conhecimentos produzidos pela humanidade, reconhecendo a importância que ela de fato possui na construção de um projeto de humanidade que olha para um devir focado na ética do Viver!

Se os discursos de *preservação* foram tão importantes décadas atrás para garantir visibilidade à Natureza, agora é hora de focar em discursos e representações que fomentam a construção de novas vivências integradas ao meio ambiente físico deste planeta, levando em consideração as grandes mudanças estruturais que já fizemos nele ao longo do tempo. É preciso extrapolar os discursos que apagam a Natureza transformando-a em uma entidade que simplesmente está aí, um pano de fundo para o desenrolar da história da humanidade.

Quando se sustenta que existem, de um lado, um mundo natural e, de outro, um mundo humano, propõe-se simplesmente dizer, após o fato, que uma porção arbitrária dos atores será *despojada de toda ação* e que outra parte dos mesmos atores, também arbitrária, será *dotada de uma alma* (ou de uma consciência). Mas essas duas operações secundárias deixam perfeitamente intacto o único fenômeno interessante: a substituição das formas de ação no seio da zona metamórfica por

ECO-REBEL

meio de transações entre potências de agir de múltiplas origens e formas. Isso pode parecer paradoxal, mas, para ganhar no realismo, é preciso deixar de lado o pseudorealismo que pretende desenhar o retrato de humanos se exibindo à frente de um cenário de coisas (LATOURE, 2020, p. 70).

Para fugir desse pseudorealismo, o PNUMA, enquanto entidade que assume a responsabilidade de promover e conservar o meio ambiente, capaz de moldar diferentes discursos hegemônicos acerca do meio ambiente, deve articular discursos que garantam uma representação mais vívida da Natureza e daqueles que a integram, bem como representar os humanos como seres que constituem a Natureza. Além disso, diante de um cenário como o da pandemia provocada pelo novo coronavírus, torna-se necessário elucidar veementemente o vínculo entre as doenças endêmicas e uma lógica de consumo perversa, que trata plantas e animais como recursos infinitos e estimula a opressão e a escravização de centenas de espécies ao redor do mundo. Por fim, também é necessário endereçar a responsabilidade da devastação ambiental e, conseqüentemente, das pandemias globais aos verdadeiros alçozes da humanidade: o próprio ser humano.

Algumas considerações

Como foi possível perceber, os textos produzidos pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) contribuem para a reiteração de ideologias que apresentam a Natureza como uma fonte de recursos para a humanidade, de modo que ela deve ser preservada com o único objetivo de garantir o *florescimento* e o *desenvolvimento* dos seres humanos. Evidentemente, esses sentidos não são veiculados apenas pela agência da Organização das Nações Unidas (ONU). Ela apenas reitera sentidos que são constantemente disseminados pela lógica capitalista que perpassa as práticas sociais de muitos dos países que são representados por essa organização. Ao reiterá-los, ela contribui para a manutenção das relações predatórias e estruturas dominantes que fomentam a destruição da Natureza e apagam a agência dela.

Diante dessa lógica, uma análise fundamentada na abordagem teórico-metodológica proposta pela Ecolinguística Crítica configura-se como um deslocamento relevante e necessário em relação aos discursos legitimados, revelando como os recursos semânticos são mobilizados pelos grupos hegemônicos de modo a contribuir com práticas predatórias em relação ao meio ambiente. É fato que precisamos urgentemente ultrapassar as barreiras impostas pelas histórias predatórias que estão dadas, mas isso só será possível se reconhecermos onde elas falham e como elas podem ser transformadas.

Referências

- COUTO, Hildo Honório. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.
- COUTO, Hildo Honório. O que vem a ser ecolinguística, afinal? *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 14, n. 1. Brasília: Thesaurus, 2013.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing Discourse: Textual Analysis for Social Research*. London: Routledge, 2003.
- KRESS, Gunther. *Multimodality: a social semiotic approach to contemporary communication*. London: Routledge, 2010.
- KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. *Reading Images: the grammar of visual design*. London/New York: Routledge, 2006.
- LATOUR, Bruno. *Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no antropoceno*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- LOCKE, Terry. *Critical Discourse Analysis*. London: Continuum, 2004.
- NAESS, Arne; SESSIONS, George. Basic principles of Deep Ecology. *Ecophilosophy*, v. 6, p. 3-7. 1984.
- ONU. Nações Unidas Brasil. 2020. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/agencia/pnuma/>>. Último acesso: 12 jul. 2020.
- PENA-VEGA, Alfredo. *O despertar ecológico: Edgar Morin e a ecologia complexa*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- STIBBE, Arran. Ecolinguistics and erasure: restoring the natural world to consciousness. In: HART, Christopher; CAP, Piotr (Ed.). *Contemporary Critical Discourse Studies*. London/ New York: Bloomsbury Publishing Plc, 2014.
- STIBBE, Arran. *Ecolinguistics: language, ecology and the stories we live by*. London: Routledge, 2015.
- VAN DIJK, Teun (Ed.). *Discourse Studies: a multidisciplinary introduction*. London: Sage, 2011.

ANEXOS

Texto 1

3 MAR 2020 | REPORTAGEM | ECOSYSTEMS AND BIODIVERSITY

Surto de coronavírus é reflexo da degradação ambiental, afirma PNUMA

As doenças transmitidas de animais para seres humanos estão em ascensão e pioram à medida que *habitats* selvagens são destruídos pela atividade humana. Cientistas sugerem que *habitats* degradados podem incitar processos evolutivos mais rápidos e diversificar doenças, já que os patógenos se espalham facilmente para rebanhos e seres humanos.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) relata que um animal é a provável fonte de transmissão do coronavírus de 2019 (COVID-19), que infectou milhares de pessoas em todo o mundo e pressionou a economia global. Para quem quiser saber mais, atualizações diárias podem ser encontradas no site da Organização.

Segundo a OMS, os morcegos são os mais prováveis transmissores do COVID-19. Porém, também é possível que o vírus tenha sido transmitido aos seres humanos a partir de outro hospedeiro intermediário, seja um animal doméstico ou selvagem.

Os coronavírus são zoonóticos, o que significa que são transmitidos de animais para pessoas. Estudos anteriores constataram que a Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS, em inglês) foi transmitida de gatos domésticos para seres humanos, enquanto a Síndrome Respiratória do Oriente Médio passou de dromedários para humanos.

"Portanto, como regra geral, o consumo de produtos de origem animal crua ou mal cozida deve ser evitado. Carne crua, leite fresco ou órgãos de animais crus devem ser manuseados com cuidado para evitar a contaminação cruzada com alimentos não cozidos", comunicou a Organização Mundial da Saúde.

A declaração veio alguns dias antes da China tomar medidas para coibir o comércio e o consumo de animais silvestres. Mais informações podem ser encontradas no site do Comitê Permanente do 13º Congresso Nacional dos Povos (em chinês).

"Os seres humanos e a natureza fazem parte de um sistema interconectado. A natureza fornece comida, remédios, água, ar e muitos outros benefícios que permitem às pessoas prosperarem", disse Doreen Robinson, chefe para a Vida Selvagem no Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA).

"Contudo, como acontece com todos os sistemas, precisamos entender como esse funciona para não exagerarmos e provocarmos consequências cada vez mais negativas", complementou.

O relatório Fronteiras 2016 sobre questões emergentes de preocupação ambiental (*Frontiers 2016 Report on Emerging Issues of Environment Concern*, em inglês) do PNUMA mostra que as zoonoses ameaçam o desenvolvimento econômico, o bem-estar animal e humano e a integridade do ecossistema. Nos últimos anos, várias doenças zoonóticas emergentes foram manchetes no mundo por causarem ou ameaçarem causar grandes pandemias, como o Ebola, a gripe aviária, a febre do Vale do Rift, a febre do Nilo Ocidental e o Zika Vírus.

Segundo esse relatório, nas últimas duas décadas, as doenças emergentes tiveram custos diretos de mais de US\$ 100 bilhões de dólares, com esse número podendo saltar para vários trilhões de dólares caso os surtos tivessem se tornado pandemias humanas.

Do ponto de vista da comunidade ambiental, para impedir o surgimento de zoonoses é fundamental endereçar as ameaças múltiplas e frequentemente interativas aos ecossistemas e à vida selvagem, incluindo redução e fragmentação de *habitats*, comércio ilegal, poluição, espécies invasoras e, cada vez mais, mudanças climáticas.

Texto 2

08 APR 2020 | REPORTAGEM | ECOSYSTEMS AND BIODIVERSITY

6 fatos sobre coronavírus e meio ambiente

Você sabia que cerca de 60% das doenças infecciosas humanas e 75% das doenças infecciosas *emergentes* são zoonóticas, ou seja, transmitidas através de animais?

Alguns exemplos que surgiram recentemente são o Ebola, a gripe aviária, a Síndrome Respiratória do Oriente Médio (MERS), o Vírus Nipah, a Febre do Vale Rift, a Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS), a Febre do Nilo Ocidental, o Zikavírus e, agora, o coronavírus – todos ligados à atividade humana.

O surto de Ebola na África Ocidental é resultado de perdas florestais que levaram a vida selvagem a se aproximar dos assentamentos humanos; a gripe aviária está relacionada à criação intensiva de aves e o Vírus Nipah surgiu devido à intensificação da suinocultura e à produção de frutas na Malásia.

Cientistas e especialistas do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) estão reunindo os dados científicos mais recentes sobre o COVID-19 – tanto o que se sabe quanto o que não se sabe.

Embora a origem do surto e seu caminho de disseminação ainda não estejam claros, listamos seis pontos importantes que vale a pena conhecer:

1. A interação de seres humanos ou rebanhos com animais selvagens pode expor-nos à disseminação de possíveis patógenos. Para muitas zoonoses, os rebanhos servem de ponte epidemiológica entre a vida selvagem e as doenças humanas.
2. Os fatores determinantes do surgimento de zoonoses são as transformações do meio ambiente – geralmente resultado das atividades humanas, que vão desde a alteração no uso da terra até a mudança climática; das mudanças nos hospedeiros animais e humanos aos patógenos em constante evolução para explorar novos hospedeiros.
3. As doenças associadas aos morcegos surgiram devido à perda de *habitat* por conta do desmatamento e da expansão agrícola. Esses mamíferos desempenham papéis importantes nos ecossistemas, sendo polinizadores noturnos e predadores de insetos.
4. A integridade do ecossistema evidencia a saúde e o desenvolvimento humano. As mudanças ambientais induzidas pelo homem modificam a estrutura populacional da vida selvagem e reduzem a biodiversidade, resultando em condições ambientais que favorecem determinados hospedeiros, vetores e/ou patógenos.
5. A integridade do ecossistema também ajuda a controlar as doenças, apoiando a diversidade biológica e dificultando a disseminação, a ampliação e a dominação dos patógenos.
6. É impossível prever de onde ou quando virá o próximo surto. Temos cada vez mais evidências sugerindo que esses surtos ou epidemias podem se tornar mais frequentes à medida que o clima continua a mudar.

"Nunca tivemos tantas oportunidades para as doenças passarem de animais selvagens e domésticos para pessoas", disse a diretora executiva do PNUMA, Inger Andersen. "A perda

contínua dos espaços naturais nos aproximou demasiadamente de animais e plantas que abrigam doenças que podem ser transmitidas para os seres humanos".

A equipe do PNUMA está trabalhando continuamente nessas questões importantes. As informações compartilhadas pela Divisão de Ciência estão disponíveis online com informações adicionais, incluindo uma lista de perguntas ainda não respondidas.

A natureza está em crise, ameaçada pela perda de biodiversidade e de habitat, pelo aquecimento global e pela poluição tóxica. Falhar em agir é falhar com a humanidade. Enfrentar a nova pandemia de coronavírus (COVID-19) e nos proteger das futuras ameaças globais requer o gerenciamento correto de resíduos médicos e químicos perigosos, a administração consistente e global da natureza e da biodiversidade e o comprometimento com a reconstrução da sociedade, criando empregos verdes e facilitando a transição para uma economia neutra em carbono. A humanidade depende de ação agora para um futuro resiliente e sustentável.

Texto 3

22 MAY 2020 | REPORTAGEM | ECOSYSTEMS AND BIODIVERSITY

Causas do COVID-19 incluem ações humanas e degradação ambiental, apontam estudos

O coronavírus (COVID-19) é uma doença zoonótica transmitida entre animais e seres humanos. As zoonoses ameaçam significativamente a nossa saúde. Quando os sintomas são graves, a falta de exposição prévia leva à ausência de anticorpos para nosso corpo se defender. Alguns exemplos de surtos recentes incluem a Síndrome Respiratória Aguda Grave ou SARS (2002); a Influenza Aviária ou Gripe Aviária (2004); o H1N1 ou a Gripe Suína (2009); a Síndrome Respiratória do Oriente Médio ou MERS (2012); o Ebola (2014–2015); o Zika Vírus (2015-2016); e a Febre do Nilo Ocidental (2019).

Quase um século de tendências globais confirmam que os surtos zoonóticos estão mais frequentes. Um relatório de 2016 do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) sinalizou essa situação como uma questão de preocupação global. A cada ano surgem em média três novas doenças infecciosas em seres humanos e 75% delas são zoonóticas.

O que está provocando o aumento dessas doenças? Confira abaixo o que décadas de pesquisas científicas podem nos dizer:

Os coronavírus são impulsionados por ações humanas

De acordo com a Plataforma Intergovernamental sobre Biodiversidade e Serviços Ecossistêmicos (IPBES), "existe apenas uma espécie responsável pela pandemia do COVID-19 – os seres humanos".

Nem todos os coronavírus resultam em uma nova doença zoonótica. Sem transmissão entre animal e ser humano, o SARS-CoV-2 não teria se apresentado na forma do COVID-19. De fato, há outros coronavírus circulando em animais que ainda não nos infectaram.

Contudo, os coronavírus estão nos atingindo mais frequentemente porque estamos oferecendo a eles mais oportunidades para disseminação. Nos últimos 50 anos, a população humana mundial dobrou e a economia global quase quadruplicou. A rápida migração de áreas rurais para áreas urbanas e a criação de novos centros urbanos afetaram a demografia e nossos estilos de vida e práticas de consumo.

Mudanças ambientais

As mudanças em nosso estilo de vida alteraram drasticamente a terra ao nosso redor. Nós destruímos florestas e outros ecossistemas naturais para criar espaços para áreas urbanas, assentamentos, terras agrícolas e indústrias. Ao fazermos isso, reduzimos o espaço da vida selvagem e degradamos as barreiras de proteção natural entre seres humanos e animais.

A mudança climática também impulsiona zoonoses. As emissões de gases de efeito estufa – principalmente os que resultam da queima de combustíveis fósseis – alteram a temperatura e a umidade do planeta, o que afeta diretamente a sobrevivência dos micróbios. As transformações aceleradas dos habitats causadas por eventos climáticos incomuns, como calor, seca, inundação ou incêndios florestais, não permitem que os ecossistemas equilibrem picos repentinos na população de algumas espécies – como os mosquitos –, que podem se tornar vetores de doenças emergentes. Programada para ser lançada no próximo mês, uma avaliação sobre zoonoses feita pelo PNUMA e pelo Instituto Internacional de Pesquisa Pecuária (ILRI) sugere que as epidemias se tornarão mais frequentes conforme o clima continuar mudando.

Mudanças comportamentais

A demanda por carnes e laticínios levou à expansão das áreas de cultivo uniformes e da pecuária intensiva nas áreas rurais e urbanas. Os rebanhos geralmente servem de ponte entre a vida selvagem e as infecções humanas, dado que os patógenos podem ser transmitidos de animais selvagens para rebanhos e de rebanhos para seres humanos.

Uma grande preocupação são os mercados informais, onde animais selvagens são guardados e vendidos vivos, geralmente em condições insalubres e anti-higiênicas. Quando não seguimos práticas sanitárias e de proteção, há maior facilidade de vírus e patógenos se espalharem entre bichos muito próximos e inclusive alcançarem os seres humanos que os manuseiam, transportam, vendem, compram ou consomem.

Alterações patogênicas

Com o aumento da agricultura intensiva e o uso excessivo de medicamentos antimicrobianos em animais e pessoas, os patógenos estão se tornando mais resistentes a essas substâncias que um dia foram eficazes no tratamento de outras zoonoses, constantemente evoluindo para sobreviverem em diferentes animais, seres humanos e ambientes.

O que o COVID-19 está nos ensinando

O COVID-19 é um lembrete de que a saúde humana e a saúde ambiental estão intimamente conectadas. Existem cerca de 8 milhões de espécies na Terra, das quais os seres humanos representam apenas uma. Esse valor inclui também cerca de 1,7 milhão de vírus não identificados, mas que podem infectar pessoas, estando presentes em mamíferos e aves aquáticas. Se não nos prevenirmos agora, podemos ser facilmente infectados no futuro.

A principal maneira de nos protegermos das zoonoses é impedindo a destruição da natureza. Onde os ecossistemas são saudáveis e biodiversos, há resiliência, adaptabilidade e regulação de doenças.

Uma maior biodiversidade e integridade ecossistêmica pode ajudar a controlá-las por meio da diversidade de espécies, de modo que fica mais difícil para um patógeno se espalhar

ECO-REBEL

rapidamente ou dominar. Os patógenos que passam por vários animais têm mais chances de se depararem com pontos de resistência.

De acordo com um relatório do IPBES de 2017, a diversidade genética gera resistência a doenças e diminui a probabilidade de grandes surtos. Por outro lado, a pecuária intensiva gera semelhanças genéticas, reduzindo a resiliência e tornando os rebanhos mais suscetíveis à disseminação de patógenos. Isso, por consequência, também expõe os seres humanos a maiores riscos.

O que o PNUMA está fazendo

À medida que o mundo lida com a crise do COVID-19 e começa a se recuperar do impacto causado por essa pandemia global, o PNUMA está ajudando as nações a se recuperarem melhor e aumentarem a resiliência a crises futuras. Além disso, está apoiando os países no fornecimento de políticas científicas mais fortes que apoiem um planeta mais saudável e orientem investimentos verdes.

Reconhecendo que essa ainda é nossa maior oportunidade para o futuro, o PNUMA incentiva os países a avançarem na Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, no Acordo de Paris e em outros acordos cruciais acerca de questões como biodiversidade, conservação dos oceanos e gestão de químicos e resíduos.

Com seus parceiros, o PNUMA também está lançando a Década das Nações Unidas para a Restauração de Ecossistemas 2021-2030 – um esforço de 10 anos para deter e reverter a degradação mundial dos ecossistemas – e trabalhando para desenvolver um novo e ambicioso Marco Pós-2020 de Biodiversidade.

Em 5 de junho, o Dia Mundial do Meio Ambiente engajará governos, empresas, celebridades e cidadãos a repensarem seus relacionamentos com a natureza e convocará líderes para que sejam tomadas decisões centradas no meio ambiente. Devemos agir com solidariedade e embasados pela ciência.

História atualizada em 27 de maio de 2020.

Aceito em 30/07/2020.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 6, N. 3, 2020.